
se Tão perverso preço cabe em verso (SOBRE ALGUMA POESIA *sem qualidades*)

Luis Maffei
Universidade Federal
Fluminense

RESUMO:

Perversão: a poesia falar em dinheiro. Ato político, ato contemporâneo. Dois dos *poetas sem qualidades*, Carlos Alberto Machado e Carlos Bessa, dizem do dinheiro como problema, e como origem de muita contaminação de sentidos a partir de tópico tão estranho, tão perverso.

ABSTRACT:

Perversion: poetry talk about Money. Political act, contemporary act. Two *poetas sem qualidades* (*poets without qualities*), Carlos Alberto Machado e Carlos Bessa, talk about money as a problem, and as a source of many kinds of contaminations generated by so strange topic, so perverse sense.

PALAVRAS-CHAVE:

poesia, Carlos Alberto Machado, Carlos Bessa

>>

KEYWORDS:

poetry, Carlos Alberto Machado, Carlos Bessa

Ainda que deveras recente, a discussão que gira em torno dos *poetas sem qualidades* rendeu já muitos frutos. Mudam-se os tempos cada vez mais velozmente, e o prefácio que Freitas escreveu em 2002 já foi caldeado por diversas obras do próprio prefaciador, e outras tantas de diversos dos poetas que ali estão. Mas o debate não está ainda antigo, e parto daquele prefácio, e daquele livro, para refletir acerca de um tipo de valor que circula por versos da poesia portuguesa contemporânea. Diz Freitas: "Foi (...)

Benjamin um dos primeiros a constatar que a *qualidade* passou a ser, nas sociedades industrializadas, sinónimo de *quantidade*” (Freitas, 2002: 9). Daí a algumas outras considerações e à conclusão do prefácio, que é, em verdade, sua abertura: “A um tempo sem qualidades, com aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades” (*ibidem*). Digo o que já disse em outra parte: não se trata de uma poesia que se queira despir de rigor ou de densidade; trata-se de trazer ao lírico o que pode incomodar, não apenas o leitor – que é, desde sempre, jogador a ser *incomodado* pela poesia –, mas o próprio poema. Se ele é de algo despido, será de certa virgindade acerca de coisas muito prementes da vida. Torna-se cada vez mais claro que o universo do dinheiro e das finanças move-se de modo perverso, e o que dizer dessa movimentação a penetrar o ambiente da poesia hoje? Assim, perversidade 1, interna à economia: lógicas como a que permitiu ao “mercado” crescer mais que “a economia real”, nas palavras de Fernando Cardim (2008: 22). Perversidade 2, externa, problema meu pois da poesia: a prevalência de assuntos financeiros – para usar um termo bastante genérico – no mundo faz a poesia trazê-los para seu interior.

Não é novidade o trato com esse índice de realidade na poesia portuguesa. Posso pensar em Cesário Verde, na modernidade, como o poeta que principiou a tratar de um mundo capaz de massacrar, por exemplo, a engomadeira, “coitadinha” (Verde, 1995: 60). Posso pensar sobretudo em Camões, “Se tão sublime preço cabe em verso” (*Lus*, I, 5, 8). O jogo que aqui se joga é evidente: verso pode entender-se como algo da ordem da ordem – e penso em ordem como aquilo que será violado pelo perverso, ou como o adequado arranjo que será pervertido por algo exógeno. Assim, tem uma espécie de ordem a poesia. Verso, obviamente, é a linha da pauta poética, e convidar o “preço” ao poema é falar de merecimento: merecem, cogita o próprio vate, “tão sublime” valor os versos d’*Os Lusíadas*? Ou: a ordem que a poesia pode estabelecer estará à altura de algo que a extrapola para cima, para o alto, para o “sublime”? Mas, ainda camonia-

namente, é a viagem poética *Os Lusíadas*, e não necessariamente a viagem dos lusiadas, que se capacita ao “sublime” do “verso”. Algures, no poema, o “preço” se modifica, o poeta cessa o canto, mas não é a perversidade o agente principal, já que o texto termina com uma sugestão ao rei-menino: apontamento de futuro, de mudança, de realização e de manutenção de uma ideia-chave: apreço, vocábulo que tem a mesma etimologia de preço. O incômodo do poema, ou a perversidade que nele atua, não o encerra, nem o encerraria. “*No mais, Musa, no mais*” (*Lus*, X, 145, 1) não abre a prezada, e não apreçada, oitava final da obra.

Se hei-de mexer com o perverso a partir do verso (o da estrofe quinta do canto primeiro fica sempre ao fundo do que vier a partir de agora), faço-o justamente porque algo se terá alterado no verso do poético, ou seja, em sua ordem. É da ordem (ou desordem) da perversidade tratar de dinheiro em poesia, e a poesia tratar de dinheiro, figura talvez extrapoética, necessariamente estranha ao verso de versos: perversa. “Se tão” perverso “preço cabe em verso”, não poderia faltar na antologia a que me referi há pouco, e uma das pistas do que sejam *poetas sem qualidades* é justamente ter de tratar de perversidade, dinheiro inclusive. Na já famosa antologia, um poeta, Carlos Alberto Machado, e sete poemas seus. Dois deles interessam sobremaneira à reflexão que ora faço. O primeiro:

>>

Não é que não pense no fim do mês
até já pus o íman no contador
angustia-me tanta energia invisível
penso no fim do mês e da vida
e não sei o que me dói mais
os olhos abertos da minha filha
esperam por saber como perguntar
o teu pai filha ainda espera respostas
ou como construir as perguntas certas
esvai-se a casa e eu com ela
preocupado com as respostas
com as sobras das perguntas
enredo as palavras e embalo-as.
(Machado, 2002: 21)

"Não é que não pense no fim do mês": ressalva? Ou: penso em outra coisa, falarei de outra coisa, mas não posso deixar de falar "no fim do mês"? O fato é que a primeira notícia do poema é o próprio "fim do mês", ainda que o poema contemple inquietações diversas. Antes, no entanto, "o íman no contador", um gesto que o indivíduo pratica a fim de sabotar a contagem de luz e, portanto, pagar menos. E é a "energia invisível" do consumo de energia elétrica que permite a consideração de outros tipos de energia, como a da própria existência e a do amor paternal. Primeiro, o "fim do mês", depois, o "fim da vida". Logo, a relação do sujeito com certas angústias, tais como a morte, não se pode estabelecer sem que, como intermediação incontornável, se manifeste algo cujo caráter é de uma realidade sem a menor dose de encantamento. Volto ao prefácio de Freitas, e a certa afirmação nodal: "Mesmo sem que façamos um inventário exaustivo do problema, torna-se evidente que grande parte da poesia contemporânea", assunto central para a antologia, "se mantém fiel a um conceito de *qualidade* que o tempo e a chamada 'realidade' se esforçam por negar ou neutralizar" (Freitas, 2002: 11). Não se pode dizer simplesmente que o problema de parte da poesia que se encontra nos *poetas sem qualidades* seja "a chamada realidade", já que esse é tema, e substância, de diversa poesia feita em todos os tempos e todos os idiomas. A curva do problema talvez seja outra, assim expressa pelo mesmo Freitas: "Estes poetas não são (...) lima-dores das arestas que a vida deveras tem" (*idem*: 14).

Uma poesia atenta às "arestas que a vida deveras tem" será, em grande medida, desencantada, pois recolhe da vida o que nela mais machuca, e se há um aspecto que desencanta imediatamente a arte é o dinheiro e afins. Não me interessa pensar o dinheiro como mediador das relações da arte com seus receptores; interessa-me aqui o que um poema faz com tema tão perverso, tema-aresta: "não sei o que me dói mais", se "o fim do mês" ou "o fim da vida"; "não sei o que me dói mais", ter contas a pagar ou a inexorável realidade da morte; "não sei o que me dói

mais”, o “fim da vida” ou uma “vida” desencantada, com contas a pagar. Sou levado a certa asserção de Agamben: “a experiência do evento da palavra (...) é, antes de mais nada, uma experiência amorosa, e a própria palavra (...) união de conhecimento e amor” (2006: 93). Se o poema de Carlos Alberto Machado é dotado de desencanto, não existe ali a menor dose de cinismo ou de aceitação contente da realidade que hostiliza o sujeito, pelo contrário: “a vida deveras tem” “arestas”, não limadas pela poesia mas tampouco bem-vindas à poesia. Por isso é que, num poema tão eivado da “realidade” em uma sua ordem perversa, a “união de conhecimento e amor” referida por Agamben torna-se tão tensa: “os olhos abertos da minha filha/ esperam por saber perguntar/ o teu pai filha ainda espera respostas/ ou como construir as perguntas certas”. Não há “respostas”, sequer formulação certa de “perguntas”; o “conhecimento” está em estado de suspensão. Por outro lado, a “palavra” se realiza, ou se dá o “evento da palavra”, já que é um poema a realidade em questão. E dizer do desconhecimento não será um modo (perverso) de conhecer? Todavia, conhecer o desconhecimento, tão à mercê das “arestas” da vida, não será um modo (perverso) de descontentemente capitular?

Agamben disse da “união de conhecimento e amor”: “os olhos abertos da minha filha” são lugares amorosos do poema, e estão em direta relação com o sujeito, o pai, que será, consequentemente, também pai de família. A expressão recém-grafada é um clichê, talvez não caiba sem susto num poema, nem está no texto de Machado. Mas não deixa de ser uma espécie de “conhecimento”, ainda que da ordem direta da experiência — do mesmo modo que é da experiência, e não do apreço, “nas letras” conhecer “um campo de manobras” (Verde, 1995: 60), como revelou o aqui incontornável Cesário também em “Contrariedades”. Esse preciso clichê figura no título de um poema de Jorge de Sena, “Lamento de um pai de família”, de que cito a abertura: “Como pode um homem carregado de filhos e sem fortuna alguma/ ser poeta neste tempo de filhos só da puta ou

>>

só de putas/ sem filhos?” (Sena, 1989: 92). O poema de Sena é datado de 15 de junho de 1964: outros tempos, outras vontades? Decerto, mas também muitas semelhanças. Todos os tempos podem ser “de filhos só da puta ou só de putas/ sem filhos”, e, como “tão” perverso “preço cabe em verso”, mesmo o desconcerto camoniano terá dito também dum desarranjo social e econômico. No entanto, o humanismo cheio de apreço que caracteriza a poesia de Jorge de Sena, muitas vezes clamante de uma realidade social mais justa, não é o mesmo que encontro no lamento do pai de família que o poema de Machado acaba por ser. No poeta de agora, se há humanismo (e é certo que o há), é encontrado no “amor” que se coloca num lugar extremamente difícil dentro do texto: se “o evento da palavra (...) é (...) uma experiência amorosa, e a própria palavra (...) união de conhecimento e amor”, como essa “união” se dá num discurso cujo problema primeiro é a conta de luz?

“esvai-se a casa e eu com ela/ preocupado com as respostas/ com as sobras das perguntas/ enredo as palavras e embalo-as”. Num ambiente como esse, “esvai-se a casa” por razões distintas das que põem “em ruína a casa nova” de Camilo Pessanha (1956: 66) pois a angústia existencial do imenso poeta da transição do século XIX para o XX não teve que ver, decerto, com o aluguel. Mas o poema *sem qualidades* terá como termo um “embalo” de “palavras”, um gesto efetivamente de amor – no sentido agambeniano –, o que sugere, por hipálage, o embalo da “filha”. Não é a “filha”, todavia, a ser embalada no fim do poema, mas a linguagem, enredada entre afeto, conta de luz, “fim do mês e da vida”. Há outro esvaecimento de casa na mesma antologia, assinado por Carlos Bessa – seria melhor dizer, agora, esvaecimento de lar; o poema intitula-se “rua”:

Grossas lentes de míope fechado numa
 Ideia de si com dois filhos, mulher e
 Futebol Clube do Porto. A língua em constante
 Desculpa, os nervos. Saiu de casa, ela
 Mas não foi longe, meia dúzia de metro abaixo

Até à cama de outro. Tanta felicidade cansa
Tanto lume e
Vapor, fodeu-a, como quem diariamente
E ele, olhos piscos, nossa senhora
Cada vez mais velho a suicidar-se nesse medo
De um dia acordar morto, as imprescindíveis tarefas
O emprego, o Futebol Clube do Porto.
(Bessa, 2002: 41)

Mais uma hipótese de perversão, agora que chego ao segundo poema forte deste ensaio: tratar de assuntos como dinheiro ou derivados em poesia é uma escolha. Se for demasiado óbvio dizer tal coisa, digo o contrário: tratar de assuntos como dinheiro ou derivados em poesia não é uma escolha. Poderia dizer o mesmo da própria formulação de uma poesia *sem qualidades*: ao mesmo tempo uma escolha e uma demanda incontornável. Sim, trata-se de um paradoxo, e é o paradoxo que ora sublinho; cito de novo a abertura do prefácio: "A um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades". Exigência deste tempo, pois, uma lírica aberta a perversões como a que aqui contemplo. Se assim, não se trata de uma escolha. No entanto, mesmo que se aceite essa demanda como efetiva exigência, não há diversa poesia hoje que adota pronúncia e temática distintas? Fato é que absorver um "perverso preço" contamina todos os demais sentidos do poema, retirando-o de seus lugares esperados. Exemplo: a conta de luz contamina a "filha" no poema de Carlos Alberto Machado. No caso de "rua", a situação que realmente discursa no poema é a apresentada pela espécie de refrão sugerido quando das ocorrências de "Futebol Clube do Porto", o que dá ainda mais contunência ao que chamei de contaminação: primeiro, "dois filhos, mulher e/ Futebol Clube do Porto"; depois, "as imprescindíveis tarefas/ O emprego, o Futebol Clube do Porto".

Unem-se "conhecimento e amor"? Não sei se posso dizê-lo. Une-se ao nome do clube do qual o sujeito é adepto uma pequena lista de obrigações. Para que "tão" perverso

>>

“preço” coubesse em verso, foi necessário que os “dois filhos” e a “mulher” perdessem qualquer aura dignificadora, e também que o Porto perdesse qualquer poder significativo que o retirasse de um lugar rotineiro. Antiexemplo: o mesmo clube, num poema de José Miguel Silva, autor, a propósito, que também figura na antologia: “Bayern de Munique 1 x F.C. Porto 2 – Artur Jorge (1987)”. Mesmo que para desaguar em funda melancolia a partir da passagem do tempo, o poema de *Movimentos no escuro* celebra a final da Champions League de 1987 em alguns pungentes versos: “Como esquecer aquelas fintas à tristeza,/ a viva fantasia dos relâmpagos abrindo/ fundas brechas no espírito simétrico,/ pesado, dos teutónicos, a negação/ do fado” (Silva, 2005: 48). A afirmação de um caráter peculiar se dá pelo futebol, pela vitória talvez inesperada sobre o “espírito simétrico” do time alemão. No poema de *Olhos de morder lembrar e partir*, não vem ao caso nenhum grande momento da história do F.C. do Porto, pelo contrário: apoiar o time é uma das “imprescindíveis tarefas” do sujeito, e é preciso estar atento ao que cerca a tarefa do torcedor com hábito e sem paixão.

“Grossas lentes de míope fechado numa/ Ideia de si com dois filhos, mulher e/ Futebol Clube do Porto”. Objeto de utilização prática, os óculos já sugerirão, se a norma, o verso, for enxergar bem, uma perversidade: fala-se de miopia, não de auxílio à visão. Míope, o indivíduo fecha-se numa idéia que o dimensiona tão-somente como pai de família, e não como ser amante dos “dois filhos” e da “mulher”. Por contaminação, o que vem ao caso é o quanto de tarefa advém das criaturas sobre as quais o sujeito tem responsabilidades. Reitero: se não é a afetividade que ocupa espaço protagonista, será o sustento, o dia-a-dia, a rotina, e o tanto de anulação míope que vitima derivas mais humanas, mais, por assim dizer, senianas. Penso em Sena e imediatamente recorro o erotismo que caracteriza muito da escrita do autor de “Conheço o sal”, pois é precisamente um erotismo perverso que tem lugar em “rua”. O jogo que aqui se joga é ainda evidente: verso pode entender-se como

algo da ordem da ordem. Assim, tem uma espécie de ordem a poesia dotada de alta sexualização, e, em linhas gerais, posso entendê-la como a da celebração do corpo – exceção feita, decerto, a exemplares que nomeiam corpos sexualizados com fins de escárnio ou de alguma sorte de moralismo. Há corpos sexualizados em “rua”; no entanto, não é o sujeito lírico que se vê em situação erotizada – a propósito, é curiosa a própria escolha locutiva do poema, pois existe um intercâmbio, por vezes indecível, entre primeira e terceira pessoa; de todo modo, esse aspecto talvez narrativo não viola uma presença marcadamente subjetiva, pois “outro” faz supor algum *eu*. E não é esse *eu* que experimenta o erotismo, mas o “outro”: “Saiu de casa, ela/ Mas não foi longe, meia dúzia de metros abaixo/ Até à cama de outro. Tanta felicidade cansa/ Tanto lume e/ Vapor, fodeu-a, como quem diariamente”.

>>

Não é, portanto, o sujeito que tem “Grossas lentes de míope”, já que “a cama” é “de outro”, quem vivencia a experiência erótica no poema de Bessa – logo ele, que escreveu: “Às vezes, gostaria de ser capaz de escrever tão-só poemas de amor” (Bessa, 2003: 69). Não se verifica, ademais, qualquer celebração do corpo, muito pelo contrário: o sexo é tão rotineiro quanto o F.C. do Porto, e é nesse deslocamento que encontro perversidade no poema: futebol sem paixão, sexo sem paixão: “fodeu-a, como quem diariamente” a fode, “como quem” executa uma espécie de tarefa, como quem desfruta de pouco júbilo. Daí a ironia que alveja qualquer hipótese de celebração corpórea no poema: “Tanta felicidade cansa/ Tanto lume e/ Vapor”. Se o excesso de “felicidade” pode ser a negação da própria “felicidade”, por ausência de contraste e pelo deslocamento da especialidade para o costume, o muito “lume e/ Vapor” assusta tanto quanto a “energia invisível” do poema de Machado – e não se perca de vista que a invisibilidade da “energia” tem como termo uma conta de luz a ser paga no “fim”, não “da vida”, mas “do mês”. “E ele, olhos piscos, nossa senhora”, vê mal talvez porque não seja possível ver diferente, ver sem piscar muito.

Se um novo *páthos* tem lugar nessa dicção, será um *páthos* sem muito além do que a idéia de miopia metaforiza. Fico-me numa contemporânea doença, uma vida que se perde ao ter de ser ganha, “as imprescindíveis tarefas/ O emprego, o Futebol Clube do Porto”, sobretudo o “emprego” como eixo em torno do qual tudo gira. Há-de se ter cuidado com o emprego de “emprego”, pela razão mesma que me permitiu a frase recém-construída. O vocábulo pode dizer de uso, de atualização, de realização; no entanto, no cenário que se constrói em “rua”, “emprego” será trabalho, e trabalho será aquilo que o indivíduo pratica, sem necessário gozo, para ganhar uma vida que se perde – não perco de vista que *tripalium* é um antigo instrumento de tortura, e que, na Idade Média, o trabalho braçal era considerado uma forma de castigo divino, uma carga pesada a ser suportada pelos pecadores: ainda o castigo, mas nada do divino ou de qualquer sacração. Desse modo, além da perversidade existe uma ideia de profanação a se entrever na feitura de dinheiro e na presença disso em poesia. Assim, o “medo/ De um dia acordar morto” sem ter vivido o bastante para que uma morte – sem a menor metafísica – se justifique: também Bessa pensa no “fim da vida” tendo algo como o “fim do mês” como elemento amalgamador. Outros *empregos*, logo, se tornam tímidos: “A língua em constante/ Desculpa, os nervos”. Se é “constante” o advento das desculpas, a “língua” terá poucos espaços além-“arestas” a fundar nesse poema, e o *páthos* dos “nervos” também acusa uma alta contemporaneidade: nunca foi tão frequente a ocorrência de doenças nervosas, e, assim como é possível a fabricação de remédios para “os nervos”, é possível a forja de doenças dos “nervos”. Doença, claro, mas não exatamente hipótese de cura: se os antidepressivos são convites industriais para a felicidade, “Tanta felicidade” sem contraste e sem transcendência “cansa” tanto quanto “as imprescindíveis tarefas” e o “emprego” – por menor: citei certo poema de Cesário Verde, talvez um avô conscientemente qualificado dos *poetas sem qualidades*, e não é que esse poema tinha como título provisório “Nevroses”?

Falei em desencanto em relação ao poema de Machado, e posso dizer o mesmo quanto ao de Bessa: "Voltar ao real, a esse desencanto/ que deixou de cantar" (Magalhães, 1981: 48) é uma espécie de legado de Joaquim Manuel Magalhães a alguns dos *poetas sem qualidades*. Mas insisto: o "real" não é novidade em poesia, nem o era quando Magalhães escreveu "Princípio". O desencanto que rege parte da poesia contemporânea em Portugal advém do mundo que Freitas acusa no prefácio, em palavras como: "estamos perante o reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal" (2002: 10). O próprio Freitas, em sua poesia, será veemente inimigo deste mundo, assim como os poetas que a este escrito comparecem. Não existe falta de comprometimento político nesse tipo de produção, bem pelo contrário. No entanto, tampouco existe projeto revolucionário ou evasivo: o mundo funciona como *locus* hostil e inescapável – é por essas e outras que Ida Alves dirá, ao escrever sobre os *poetas sem qualidades*, de um "tempo individual e coletivamente marcado pela disforia, pela melancolia e pela descrença" (Alves, 2006: 218). Ainda uma poesia "contra todos", como grafou Herberto Helder (1995: 162), mas sem os poderes transformadores de que se nutre uma poesia como a de Herberto Helder. Não há possibilidade de enfrentamento do "reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal" num mundo que assiste à "transformação do cultural em econômico e do econômico em cultural", como aponta Fredric Jameson (2002: 50).

Grafei acima que não são revolucionários os poemas com que lido aqui – a não ser que se pense numa revolução formal, mas acho que não creio nela; posso supor, certamente, uma inclinação à novidade, mas não um gesto revolucionário como, por exemplo, o de alguma *Poesia 61* (e não é que o natimorto subtítulo do mais importante estudo sobre esse encontro de poetas, *Portugal, maio de Poesia 61*, de Jorge Fernandes da Silveira, teria como subtítulo, confidenciou-me o autor, *A primavera dos versos perversos?*) Referi-me também a um humanismo que não deixa de neles figurar. Devo considerar que os sujeitos que os

>>

protagonizam localizam-se num modesto lugar de subjetividade. No “reino do quantitativo” e “da mercadoria”, a preocupação dos *eus* de Machado e Bessa não extrapola um nível de realidade que se depara com o mundo descrito por Freitas e Jameson sem armas para confrontá-lo – situação bem distinta da de Camões e, de certo modo, da de Cesário. A preocupação será com a conta de luz e com o emprego, pequenas realidades que achacam o indivíduo nestes tempos. Em poesia, lidar com tais temas é uma porta para a perversidade, e o desajuste será sempre marcante. Por exemplo, o fato cultural que são esses poemas não lhes permite transformar-se em fato econômico, pois sua economia lida com dinheiro e “emprego” de modo absolutamente tenso – mesmo porque, nos textos, dinheiro é coisa que se mostra em estado, se não de falta, ao menos de precariedade. O poeta de agora é ainda “vil, literalmente vil” (Pessoa, 1999: 235), tal como Campos já suspeitava em princípios do século XX. A diferença é que, hoje, essa condição é tão flagrante que não mais é necessário à vileza declarar-se no poema.

Os poemas que este exercício convida debatem-se num pequeno confronto com o mercado, e não com o grandiloquente mundo das finanças e da economia internacional. Antes de encerrar, há ainda outro texto, mais uma vez de Carlos Alberto Machado, e mais uma vez de *Ventilador*, que me parece interessante para refletir um pouco mais sobre o perverso “preço” que vai ao verso sendo perverso: “Assinaste o teu nome/ em papel sufocante/ impressão bem à vista/ xis escudos por página/ um livro repleto/ de palavras amestradas/ pra oferecer no Natal/ ou isso ou umas peúgas” (Machado, 2002: 25). Fica evidente a relação entre livro e mercadoria, já que o livro, qualquer livro, também se insere no mecanismo econômico que faz dele um produto do mercado: um livro pode ser oferecido “no Natal”, do mesmo modo que “peúgas” podem ser oferecidas “no Natal”. Por outro lado, é extremamente difícil que um poema, ou uma obra literária, ocupe o lugar de prenda. Lembro-me do verbete “A dedicatória” dos *Fragmentos de um discurso amoroso* de Barthes:

o chinelo foi feito para o teu pé (teu número e teu prazer); o bolo foi feito ou escolhido para o teu gosto; há uma certa adequação entre esses objetos e a tua pessoa. Mas a escritura não dispõe dessa complacência. A escritura é seca, obtusa; é uma espécie de rolo compressor. (Barthes, 1988: 69)

Como dedicar um escrito? É um gesto amoroso, decerto, mas o texto é esquivo, ou, nas palavras de Barthes, um “rolo compressor” – o leitor é, desde sempre, jogador a ser *incomodado* pela poesia e pela literatura em geral.

Consequentemente, apenas chinelos e peúgas podem ser oferecidos “no Natal”, não poemas. Assinar o nome em um objeto-livro não é dedicar uma obra, mas um objeto. O poeta, ainda “vil, literalmente vil”, não é cúmplice da “transformação do cultural em econômico”, nem partícipe contente do “reino da mercadoria”. As “palavras” da prenda, portanto, serão “amestradas”, e a mesma prenda terá estatuto semelhante ao de “umas peúgas”, pois seu valor de mercado está explícito através dos “xis escudos”. Cogito, agora, mais uma porta para que se entenda o que sejam *poetas sem qualidades*: vis, sem dúvida, de preço baixo – talvez sequer lhes exista preço, apesar de neles, e por eles, poder haver apreço. Mas “se tão” perverso “preço cabe em verso”, fazem alguns deles uma flagrante recusa à absorção de “qualidades” como características que enobrecem, por exemplo, um objeto de uso – ecos marxistas na atual poesia portuguesa, sobretudo a que se afina à proposta da antologia organizada por Freitas? Se falei no capitão dos *poetas sem qualidades*, repito o que afirmei no prefácio a sua edição brasileira, e que isso valha para alguns dos outros, Machado e Bessa inclusive: “Qualidades tenha um sofá, ou um disco rígido de computador; a poesia, prefiro que tenha densidade, linguagem em estado de subversão e ‘fogos que ardem silenciosamente/ na breve treva da alma’ ” (Maffei, 2007: 20). <<

>>

BIBLIOGRAFIA ∨

Agamben, Giorgio (2006), *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*, trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Alves, Ida Ferreira (2006), "Os poetas sem qualidades na poesia portuguesa recente", in Célia Pedrosa e Maria Lúcia Camargo (ed.) (2006), *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia*, Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 217-227.

Barthes, Roland (1988), *Fragmentos de um discurso amoroso*, trad. Hortênsia dos Santos, 7. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves.

Bessa, Carlos (2003), "Poesia (a minha) numa página", *Relâmpago – revista de poesia*, 12, p. 69.

-- (2002), "rua", in Manuel de Freitas (ed.), *Poetas sem qualidades*, Lisboa, Averno, p. 41.

Camões, Luís de (1978), *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora.

Cardim, Fernando (2009), "A cara da crise: causas, debate, esperanças", entrevista a Marisa Oliveira, *Forum Democrático*, 77-78, pp. 21-23.

Freitas, Manuel de (2002), "O tempo dos puetas", in Manuel de Freitas (ed.), *Poetas sem qualidades*, Lisboa, Averno.

Helder, Herberto (1995), *Photomaton & Vox*, 3. ed., Lisboa, Assírio & Alvim.

Jameson, Fredric (2002), *A cultura do dinheiro – ensaios sobre a globalização*, trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares, 3. ed., Petrópolis, Vozes.

Machado, Carlos Alberto (2002), "[Assinaste o teu nome]", in Manuel de Freitas (ed.), *Poetas sem qualidades*, Lisboa, Averno, p. 25.

-- (2002), "[Não é que não pense no fim do mês]", in Manuel de Freitas (ed.), *Poetas sem qualidades*, Lisboa, Averno, p. 21.

Maffei, Luis (2007), "A ferida altivez do demiurgo", in Manuel de Freitas, *Portugal: o. v. 1*, Rio de Janeiro, Oficina Raquel, pp. 7-21.

Pessanha, Camilo (1956), *Clepsidra*, Lisboa, Ática.

Pessoa, Fernando (1999), *Poemas de Álvaro de Campos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Sena, Jorge de (1989), *40 anos de servidão*, Lisboa, Edições 70.

Silva, José Miguel (2005), *Movimentos no escuro*, Lisboa, Relógio d'Água.

Verde, Cesário (1995), *O livro de Cesário Verde*, Lisboa, Ulisseia.